

“RECIFE DE DENTRO PRA FORA”

Literatura e cinema desempenhando o papel de arte participante.

Elvira Mariah Ramos Silva
Licenciatura em Música pela UFPE
Pós- Graduanda do curso de Cultura Pernambucana – FAFIRE

RESUMO: O filme “Recife de dentro pra fora”, trata-se de um documentário poético sobre o rio Capibaribe, com duração de 15 minutos, o filme dirigido pela cineasta Kátia Mesel, é inspirado no poema “Cão sem plumas” de João Cabral de Melo Neto, onde expõe as diversas faces do rio, do mar, do mangue, e da sua ligação intrínseca com a cidade e com a miséria. O caráter crítico e denunciador, tanto do documentário “Recife de dentro pra fora” e da poesia “O cão sem plumas” de João Cabral, coloca-se em compromisso com a sociedade, preocupando-se em denunciar o que a sociedade tenta esconder e encobrir.

PALAVRAS-CHAVE: Rio Capibaribe, preservação, mangues, poesia

O Rio e a Cidade

O filme “Recife de dentro pra fora”, trata-se de um documentário poético sobre o rio Capibaribe, com duração de 15 minutos, o filme dirigido pela cineasta Kátia Mesel, é inspirado no poema “Cão sem plumas” de João Cabral de Melo Neto, onde expõe as diversas faces do rio, do mar, do mangue, e da sua ligação intrínseca com a cidade e com a miséria. “ Recife de dentro pra fora” caracteriza-se no que podemos definir como “arte participante”, “arte engajada”, “arte politizada”, enfim uma arte baseada em seu contexto social, e que se coloca a serviço de uma ideologia. “...a Arte só é legítima quando se engaja, quando se alista, quando se põe a serviço de uma idéia, de uma causa, quando desempenha uma função social educativa, tornando idéias abstratas acessíveis à massa”¹. Não querendo dizer que a arte deva se resumir a um discurso

¹ SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. 3. ed. Recife: Editora universitária da UFPE, 1992. 340 p.

unilateral, e sim, pelo contrário, significa utilizar a criatividade artística para subverter o discurso moral.

A arte é sem dúvida a ponte de contato mais direta no objetivo de alcançar a sociedade, rompe as fronteiras que existem entre as classes sociais, as culturas, entre as idéias e morais diferentes, promovendo um diálogo entre elas, um encontro. Os diferentes se conhecem através da arte, se entreolham e se auto-analisam.

A cineasta Kátia Mesel apresenta a temática nordestina como esteio de seus filmes. Algumas de suas produções são: “Oh de casa”, inspirado na obra de Gilberto Freire; “Sulanca”, que retrata o trabalho da mulher pernambucana em Santa Cruz do Capibaribe; “Aluísio Magalhães”, que é biográfico sobre o designer de mesmo nome, e um programa semanal que tinha a duração de 30 minutos denominado “Pernambuco da gema” sobre a cultura nordestina. Mas foi com a obra em destaque neste texto que a cineasta ficou conhecida. Nele Kátia tenta expor em imagens todas as cenas e realidades que cercam o rio Capibaribe. A riqueza, a pobreza e, até a miséria circundam o rio. O Capibaribe de ontem, entrecortando a cidade do Recife, uma cidade, assim como um rio, ainda não tão marcados pela urbanização, pela poluição. O filme é o resultado de uma inspiração: o rio Capibaribe, representado por três formas de arte unidas por essa inspiração. O cinema dirigido por Kátia Mesel, a poesia de João Cabral de Melo Neto e a música de Geraldo Azevedo. Três artes juntas a favor de uma arte participante, que abraça uma causa que se constitui no rio Capibaribe, sua importância para o Recife, sua preservação, os meios de subsistência oferecidos por ele à população de classe pobre e miserável, as belas paisagens ainda oferecidas por ele.

A poesia “Cão sem plumas” de João Cabral, que é dividida em quatro Paisagem do Capibaribe I e II, Fábula do Capibaribe III e Discurso do Capibaribe IV; é refletida no título e nas imagens do filme, onde rio e homem se misturam, se confundem e se transformam num só, traduzidos de forma poética como uma natureza “desplumada”. É exposta nas cenas a difícil realidade que se move e se abriga às margens do Capibaribe, que se apresenta não só meramente como um cartão postal, e sim como parte inseparável do todo que constitui a essência do Recife. É meio de subsistência de famílias pobres, local de brincadeiras e mergulhos das crianças que residem nas margens do rio, cenário de contemplação nos quintais de famílias abastadas, local de formação de mangue e berçário de caranguejos, via de locomoção fluvial, enfim, um Capibaribe que faz parte da memória de Pernambuco. Em referência ao poema de João Cabral de Melo Neto, trechos que expõem a estreita relação entre o rio, o homem e a cidade: movimentos:

Como o rio/ aqueles homens são como cães sem plumas/ (um cão sem plumas/ é mais/ que um cão saqueado;/ é mais/ que um cão assassinado//...O rio sabia/ daqueles homens sem plumas/ sabia/ de suas barbas expostas, / de seu cabelo/ de camarão e estopa. // ...Na paisagem do rio / difícil é saber/ onde começa o rio/ onde a lama/ começa do rio/ onde a terra/ começa da lama/ onde o homem/ onde a pele/ começa da lama/ onde começa o homem/ naquele homem. [...]²

Estes trechos ressaltam a forte ligação entre o rio e o homem deste rio, confundidos em um só ser. No filme, as cenas dos mangues, dos caranguejos sendo extraídos da lama pelos homens, exprime bem as idéias do poema em torno dessa íntima relação entre homem e rio.

A cidade é fecundada/ por aquela espada/ que se derrama/ por aquela/ úmida gengiva de espada. [...]³

Passa a idéia do sentimento de vida emitido pelo rio Capibaribe à cidade, a questão da fertilidade, da fecundidade, da vida inerente a presença do Capibaribe entrelaçado ao Recife. A paisagem e a vida recifense não seria a mesma na ausência do rio.

Aquele rio/ está na memória/ como um cão vivo/ dentro da sala./ como um cão vivo dentro de um bolso./ como um cão vivo, / debaixo dos lençóis, / debaixo das camisas, / da pele. [...]⁴

O rio é algo vivo como um cão, e é uma testemunha da trajetória do Recife até os tempos atuais. Presenciou a chegada dos europeus, os holandeses e sua expulsão, a guerra dos mascates, as idéias liberais, a busca da autonomia, a modernização iniciada no século XIX, a Revolução Praieira, o Zeppelin, até o Recife hoje. Conforme relata Rezende:

“ Na segunda metade do século XVII, descobriu-se um outro Capibaribe, aquele dos deliciosos banhos, banhos inclusive com poderes medicinais. Assim, novas áreas de ocupação atraíram a população do Recife: as margens do Capibaribe que, com seu parceiro , o Beberibe, tantos benefícios ofereciam e, atualmente, se apresentam tão maltratados”. [...]⁵

O olhar sobre o atual estado em que se encontra o rio é colocado de forma bastante realista em “Recife de dentro pra fora”, mostra um outro Capibaribe e uma diferente ligação entre o rio e o homem. Os hábitos dos homens com o rio não são mais os mesmos do século XVII. Apenas os corajosos arriscam um banho no rio, que não possui mais poderes medicinais como coloca Rezende, e sim poderes prejudiciais à saúde.

² MELO NETO, João Cabral de. **O cão sem plumas**: II paisagem do Capibaribe . Barcelona: 1949-1950.

³ *Ibidem.*, III Fábula do Capibaribe.

⁴ *Ibidem.*, IV Discurso do Capibaribe.

⁵ REZENDE, Antônio Paulo. O Recife: histórias de uma cidade. 2. ed. Recife: Fundação de cultura da cidade do Recife, 2005. 207 p.

A urbanização e a modernidade modificaram a imagem da cidade assim como o homem recifense e o Capibaribe, e a relação homem-rio, afetada pela poluição que penetra as águas. Apenas os que vivem às margens do Capibaribe literalmente, e sobrevivem do que é oferecido por ele, conhecem intimamente este atual berçário de caranguejos.

Poucas são hoje as casas construídas de frente para o Capibaribe, reservando o quintal a esta visão fluvial. Não há mais aquele fascínio que impulsionou o Conde Maurício de Nassau Siegen, ou melhor Maurício de Nassau, a construir o Palácio de Friburgo ou das torres, por representar duas torres, onde funcionou a sede da administração de Nassau, às margens do Capibaribe, próximo ao local onde hoje está o Palácio do Campo das Princesas.

Da poluição e da modernidade surge a relação do homem, da miséria e do caranguejo. “Da lama ao caos, do caos à lama”, assim dizia Chico Science. Josué de Castro diz:

Os mangues do Capibaribe são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita para o homem, com tudo para bem servi-lo, também o mangue foi feito especialmente para o caranguejo. Tudo aí, é, foi ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resícuos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela. Cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fazendo com lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada das suas vísceras pegajosas. Por outro lado o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhes as patas, comer a sua carne feita de lama, fazer a carne do seu corpo e a carne feita de lama, fazer a carne do seu corpo e a carne do corpo dos seus filhos. São cem mil indivíduos, cem mil cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeita, volta como detrito, para a lama do mangue, para virar caranguejo outra vez.⁶

O caráter crítico e denunciador, tanto do documentário “Recife de dentro pra fora” e de “O cão sem plumas” de João Cabral, coloca-se em compromisso com a sociedade, preocupando-se em denunciar o que a sociedade tenta esconder, encobrir. Desvela a realidade sem a preocupação em mostrar apenas o belo, apenas o que nossos olhos querem ver sem se incomodar. João Cabral de Melo Neto em suas colocações publicadas, confirma a preocupação em ter a arte como forma de falar sobre o que a sociedade não quer falar, transmitir a voz dos seres humanos oprimidos pelo Estado, pelo sistema, tendo a arte como veículo para expandir a capacidade de expressão de interpretação. Segundo afirmação dele próprio:

Nesta ocasião, eu havia atingido o máximo em matéria de abstração. Acabara de publicar Psicologia da composição, e resolvera não escrever mais. Um dia, ao passar por um exemplar do Observador econômico e financeiro, um cifra chamou-me a atenção: a expectativa de vida no Recife era de 28 anos, enquanto que, na Índia, era 29. Se isto acontecia na minha terra, eu precisava

⁶ CASTRO *apud* REZENDE, Antônio Paulo. O Recife: histórias de uma cidade. 2. ed. Recife: Fundação de cultura da cidade do Recife, 2005. 207 p.

denunciá-lo. Como a poesia é minha forma de expressão, usei-a e escrevi O cão sem plumas.[...] ⁷

Bibliografia

SUASSUNA, A. *Iniciação à estética*. 3. ed. Recife: Editora universitária da UFPE, 1992. 340 p.

MELO NETO, J.C.. *O cão sem plumas: II paisagem do Capibaribe* . Barcelona: 1949-1950.

REZENDE, A.P. *O Recife: histórias de uma cidade*. 2. ed. Recife: Fundação de cultura da cidade do Recife, 2005. 207 p.

VERNIERI, S. *O Capibaribe de João Cabral em O cão sem plumas e O rio: Duas águas?*. São Paulo: Annablume, 1999. 198 p.

⁷ MELO NETO *apud* VERNIERI, Susana. **O Capibaribe de João Cabral em O cão sem plumas e O rio: Duas águas?**. São Paulo: Annablume, 1999. 198 p.